

LUTEMOS PELA MOBILIZAÇÃO DE TODAS AS FORÇAS PARA A FUNDAÇÃO DO PARTIDO !



Camaradas

## POR UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA E POPULAR!

" A classe dominante já não pode governar mas a classe operária ainda não está em condições de o poder fazer já ". Esta é a síntese máxima que nos explicou a situação criada pelo golpe de Estado militar de 25 de Abril, é a estrela brilhante que nos faz compreender a actual crise do Governo Provisório.

O nosso Movimento, analisando a actual crise política suscitada pela demissão do 1º ministro Palma Carlos, diz que ela "não é um facto inesperado, mas um acontecimento inteiramente previsível e inevitável, que vai certamente repetir-se". Esta reflexão sobre a actual crise da classe dominante vem na sequência da justíssima apreciação da verdadeira natureza de classe da movimentação militar de 25 de Abril. Efectivamente, "o golpe de Estado de 25 de Abril tem por objectivo superar a crise asfíxiante em que se debate a burguesia, consolidar o poder da classe dominante, promover a contra-revolução, organizar a guerra civil contra-revolucionária armada-tudo isto através do expediente de ganhar tempo, capitulando para a gestão do aparelho de Estado a burguesia liberal e procurando que esta exerça a hegemonia sobre o movimento de massas em ascensão. Se já não é possível opôr um dique à revolução, então que se procure desviar do seu objectivo final a imparável torrente revolucionária-tal é a estratégia da classe dominante". Acontece porém, que a ciência revolucionária do marxismo-leninismo-maoísmo, ciência esta aplicada magistralmente pelo nosso Movimento à situação concreta da sociedade portuguesa, vai penetrando nas massas populares incessantemente e tem logrado os intentos da burguesia liberal e dos lacaios social-fascistas do ministro Barreirinhas Cunhal, que vão perdendo a direcção do movimento de massas.

A poderosa onda da luta pelo PÃO ergue-se altorosa e deixa por terra as famigeradas teses do "caos económico", da "afecção da economia nacional", como se o Povo português não fosse cada vez melhor discernido que para poder viver o capitalismo tem que morrer; a guerra colonial-imperialista intensifica-se, mas a luta pela PAZ, pelo regresso dos soldados, por um mais na embarque, pela independência completa e total para as colónias levada a cabo pelos soldados e marinheiros dentro dos quartéis, pela juventude estudantil e trabalhadora e por todo o povo grangeia a simpatia e o apoio activo de novas camadas como a das mães, mulheres, noivas e irmãs dos soldados e marinheiros; os camponeses levantam-se pela terra da TERRA, e mais e mais vão compreendendo que para estancar o padecimento em que vivem, para saírem da humilhação e do esbruteamento, para verem os seus campos férteis, com rios, electricidade, etc., só a união com os operários os fará sair do estado de abjectão em que vivem; aos gritos de "democracia", "liberdades democráticas" é a manutenção da liberdade de explorar e oprimir que a classe dominante perdoa, é a coacção da LIBERDADE e da DEMOCRACIA para o povo que ela exerce, como são exemplos disso as prisões arbitrarias dos verdadeiros democratas e revolucionários, a rigorosa censura social-fascista que a todo o tempo se mutila, deturpa e mistifica, a odiosa lei fascista da "informação". Mas onde há opressão há resistência e a luta pela liberdade e pela democracia para o povo intensifica-se, alarga-se, cresce em organização; a luta pela INDEPENDÊNCIA NACIONAL é a luta contra a submissão servil ao imperialismo estrangeiro. É a luta contra o inimigo nº1 dos povos de todo o mundo - o imperialismo yanque -, é a luta contra o controle exclusivo dos sectores fundamentais da nossa economia, como a indústria eléctrica e electrónica, química, metalúrgica, etc., pelos exploradores estrangeiros, é a luta contra a guerra colonial-imperialista, guerra injusta e criminosa na qual os lacaios dos monopólios da classe do povo português para manter as suas necessidades em matérias-primas e produtos do subsolo, é a luta contra os empréstimos aos empréstimos estrangeiros que em Portugal. Vítimas montam as suas indústrias por causa da mão-de-obra barata, é a luta pela Terra, pela Reforma Agrária, contra o monopólio dos senhores, madeirados, etc., é a luta contra a permanência de bases militares no nosso solo, verdadeiras lanças apontadas aos povos da Europa que os fazem levantar-se contra o poder do capital, é a

luta contra a ideologia corrupta e decadente da grande burguesia disseminada por todos os meios e formas, desde a T.V. à imprensa; é a luta contra o ensino e as reformas da burguesia, que pretendendo adaptá-lo, e agora mais do que nunca, às necessidades imperiosas da nova ordem do capital, vai ter que formar autómatos à pressa, etc.

Camaradas!

Na escola, nosso local de trabalho, a crise com que a burguesia se bate também se agudiza. A linha mestra da política da nova clique no poder para o ensino pode-se resumir no seguinte: "desenvolvimento da reforma educativa tendo em conta o papel da educação na criação duma consciência nacional genuinamente democrática, e a necessidade de inserção da escola na problemática da sociedade portuguesa". (alínea b) do programa do governo para a política educativa). De facto, o desenvolvimento da reforma exigia a permanência, não do laicista Veiga Simão por porque o poderoso movimento estudantil opõe-se a isso determinantemente, na chéfia da pasta da "cultura" de professores fieis ao espírito da reforma Veiga Simão. Na realidade as contradições começaram a surgir no seio do próprio ministério e levaram à demissão dos 4 secretários de Estado. É que estes fieis e conscientes servidores dos interesses da nova facção no poder, opunham-se à "falta de dinamismo", à "falta de espírito de iniciativa", à "falta de capacidade interveniente" do ME"O". Segundo a UE"O", posto avançado da reacção nas escolas e fiel executor da política de traição do P"O"O", trata-se de adaptar a escola às novas condições, "aplicar a Reforma Geral e "Democrática" e introduzir modificações que venham ao encontro dos interesses dos estudantes e do povo português".

Mas a contradição principal que leva ao agudizar do conflito é aquela que, no domínio da superestrutura e no campo específico do ensino, reflete a luta de classes na sociedade-dum lado a burguesia liberal, os revisionistas do P"O"O" e os grupelhos neo-revisionistas e trotskistas, do outro lado os marxistas-leninistas-maoístas, o MRPP e a FEML.

De facto, em cada caso concreto extremam-se e clarificam-se as duas classes -a burguesia e o proletariado-, as duas vias-o capitalismo e o comunismo-, e as duas linhas-o marxismo-leninismo-maoísmo ou o revisionismo, neo-revisionismo e trotskismo-. No caso particular da resolução pedagógica do ano lectivo, caso este que põe a nú a verdadeira natureza do Governo Provisório e dos laicistas revisionistas que querem empurrar os estudantes a fazerem exames sobre o ensino reaccionário, anti-científico e anti-popular dado na escola da camarilha marcelista, são os estudantes comunistas organizados na FEML e os estudantes revolucionários organizados nos Comités Ribcario Santos (embrão da FREP) que se têm oposto consequentemente às maquinações da UE"O". A poderosa força dos estudantes do ensino secundário tem-lhe desferido golpes demolidores. Os revisionistas da UE"O" têm tudo para exercer a hegemonia no movimento de massas dos estudantes. Mas vão de-se desmascarados nas suas posições de social-traidores a única via pela qual enveredam é a de negociar propostas em gabinetes, em perfeita aliança com os conselhos pedagógicos, e apresentá-las compulsivamente aos estudantes como aprovadas. Mas a posição dos verdadeiros comunistas e revolucionários é a de originarem os órgãos de vontade popular nas escolas ( R.G.A.s, Assembleias Magnas, etc. ) de modo a serem eles a decidirem, e mais ninguém, dos problemas dos estudantes e da vida académica em geral.

No caso concreto da reforma do ensino a situação é idêntica: existem duas apreciações sobre o problema, que reflectem duas posições de classe distintas e que servem interesses opostos. Uma, a dos revisionistas, agora no poleiro, que consideram estabelecida a democracia em Portugal e que no que diz respeito à escola e à reforma do ensino apresentam um programa de "destruição dos aspectos mais reaccionários do ensino fascista, que não podiam nem deviam continuar" e "propõem medidas imediatas que provisoriamente, até ao fim deste ano lectivo impeçam o caos nas escolas e visem já melhorias pedagógicas" ( ou seja: fazer exames, colaborar com os professores não tão declaradamente fascistas, etc. ), posição esta que goza do apoio tácito de todos os grupelhos pseudo anti-reformistas e anti-revisionistas dada a sua falta de perspectivas para contrapor às reformas uma política clara e definida sobre todos os problemas que digam respeito aos estudantes; outra, que considera a escola como inserida na sociedade, não camufla este facto, antes pelo contrário, tem-no sempre em consideração nas análises que faz, e estabelece a interligação da luta estudantil com a luta mais geral do povo português, considera que o fascismo continua e que é ao imperialismo, ao capital monopolista, ao colonialismo e ao neo-colonialismo que as reformas com vestes de "democráticas" servem e por isso o seu combate é uma tarefa imediata.

Uma tarefa de grande importância política é o dissipar de todas as ilusões

ALVES COSTA

que existem no seio dos estudantes, e elas existem de facto, acerca da Reforma, do Ensino, da Escola e o afirmar que as aspirações dos estudantes a uma formação técnico-profissional verdadeiramente científica e virada para a transformação do mundo, não é possível na escola burguesa, a escola que veicula a maneira burguesa de ver as relações entre os homens e a natureza, a escola que pretende formar técnicos que servem a burguesia e não o povo, a escola que visa perpetuar o sistema de exploração do homem pelo homem e não aniquilá-lo.

Camaradas!

O estandarte que devemos elevar bem alto e que une as aspirações mais profundas de todos nós de lutarmos ao lado do povo e sob a direcção da classe operária é a bandeira de luta por uma Escola Democrática e Popular.

Camaradas!

Um grupo de estudantes simpatizantes da nossa Federação tomou a iniciativa de convocar um comício subordinado ao tema: A situação política actual e a linha política da FEML, organização do M.R.P.P. para a juventude comunista estudantil.

O tema, tão rico e por isso mesmo tão aliciante, suscitará certamente entre todos os estudantes revolucionários e verdadeiramente democratas um grande entusiasmo e exigirá deles um grande esforço para, na participação activa desta grande iniciativa revolucionária, fazer dela um baluarte da luta por uma Escola Democrática e Popular e uma tribuna de denúncia das posições pseudo-progressistas defendidas por certos grupelhos contra-revolucionários.

A Organização da Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas no Porto apela à participação activa e militante de todos os estudantes progressistas nesta grande jornada de luta anti-fascista, anti-imperialista, anti-colonialista e anti-revisionista.

viva a justa luta dos estudantes ao lado do povo e sob a direcção da classe operária!

lutemos por uma escola democrática e popular!

fogo sobre o oportunismo!

viva o M.R.P.P.! viva a FEML!

TODOS AO  
COMÍCIO

—convocado por

SIMPATIZANTES DA  
F E M L

quinta-feira, 18, 18 horas

salão nobre de letras